

**RIQUEZA, POBREZA E PREDESTINAÇÃO NA TEOLOGIA DE JOÃO
CALVINO E NO MOVIMENTO PURITANO:
BREVES DIÁLOGOS COM TEXTOS DE MAX WEBER**

Wealth, poverty and predestination in the theology of John Calvin and the Puritan Movement:
Brief dialogues with texts by Max Weber

Luciano Azambuja Betim¹

RESUMO

Riqueza, pobreza e predestinação são temas da teologia de João Calvino, personagem importante para o movimento reformista, bem como no movimento calvinista mais tardio conhecido como puritanismo. Este artigo visa colocar alguns textos de Calvino e de alguns puritanos em diálogo algumas das observações Max Weber. Resultante das análises de Weber, é comum a noção de que no calvinismo, riquezas seriam indicativas da predestinação; e que a pobreza sinalizaria o desfavor divino. É importante investigar sobre qual calvinismo se está abordando: o de Calvino ou o movimento posterior distribuído pelas várias regiões da Europa? Objetivando responder essas perguntas, este artigo procura discutir o tema à luz da produção teológica do próprio Calvino e alguns puritanos. Os resultados apontam que riqueza e pobreza são experiências comuns à toda a humanidade. Nesse sentido, riqueza e pobreza não estão necessariamente vinculadas com o dogma da predestinação.

Palavras-chave: João Calvino; Max Weber; Pobreza; Riqueza.

ABSTRACT

Wealth, poverty and predestination are themes in the theology of John Calvin, an important figure in the reformist movement, as well as in the later Calvinist movement known as Puritanism. This article aims to put some texts by Calvin and some Puritans into dialogue with some of Max Weber's observations. Resulting from Weber's analyses, the notion is common that in Calvinism, riches would be indicative of predestination; and that poverty would signal divine disfavor. It is important to investigate which Calvinism is being addressed: Calvin's or the later movement spread across the various regions of Europe? Aiming to answer these questions, this article seeks to discuss the topic in light of the theological production of Calvin himself and some Puritans. The results indicate that wealth and poverty are common experiences for all humanity. In this sense, wealth and poverty are not necessarily linked to the dogma of predestination.

Keywords: John Calvin; Max Weber; Poverty; Wealth.

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR); Ministro Presbiteriano (IPB), Email: lucianobetim@outlook.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos uma investigação nos textos de João Calvino e dos puritanos sobre os temas da “riqueza”, “pobreza” e “predestinação”, dialogando, na medida do possível com textos de Max Weber. Muito se têm escrito sobre a tese de Weber. Cabe aqui um questionamento: qual calvinismo Weber tem em mente em seus textos? O “calvinismo de Calvino” ou o movimento posterior distribuído pelas várias regiões da Europa? Entre Calvino e Weber se passaram alguns séculos, ocorreu a revolução Francesa, a revolução industrial e surge um outro calvinismo: o calvinismo do movimento puritano inglês. Identificar o recorte de Weber é fundamental para entender seus escritos.

Max Weber “acreditou descobrir um laço entre o espírito do capitalismo nascente e a doutrina calvinista da predestinação, porque segundo ele a incerteza da salvação levava a buscar o sinal da bênção divina na prosperidade material” (Higginson, 2014, p.596). John Leith (1996, p.344) observa que “A tese de Weber tem sido [...] debatida. Muitos encontraram falhas [...] no que se refere à sua compreensão da relação do calvinismo com o capitalismo, mas também em sua relação com a natureza do próprio calvinismo”. Não temos nenhuma pretensão de questionar o pensamento e a envergadura de Weber, apenas comentar o objeto de pesquisa à luz da produção textual textos de Calvino e alguns puritanos.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte breves apontamentos sobre a vida e obra de João Calvino e Max Weber. Na segunda parte um olhar sobre o entendimento de Calvino sobre riqueza e sucesso; na terceira parte uma análise de sua noção de pobreza e a relação com a ação social; na última parte as evidências da predestinação dos santos. Os resultados apontam que não há, necessariamente, uma relação entre riqueza e predestinação e que pobreza não indica uma ausência do favor divino.

1. JOÃO CALVINO E MAX WEBER

O calvinismo, em sentido lato refere-se aos herdeiros da teologia do reformador, embora em sentido estrito seja a teologia do próprio Calvino, exposta nas Institutas da Religião Cristã, Comentários Bíblicos e em suas cartas (Heron, 2014, p.330-335). Calvino nasceu no dia 10 de julho de 1509, e aos 19 anos, graduou-se em artes pela Universidade de Paris e, em seguida, veio a estudar grego e hebraico em Bourges e Orleans (Biéler, 1990, p.114). Após passar pela experiência de conversão, começou a escrever sobre teologia. Em 1536 lançou a primeira edição das Institutas. Produziu também ao longo de sua vida centenas de Cartas, Sermões e comentários bíblicos. Faleceu em Genebra, em 1564 (Heron, 2014, p.335).²

Alguns séculos mais tarde, desponta a figura de Max Weber, vindo a tornar-se um importante sociólogo, advogado e economista. Weber nasceu em uma família protestante, vindo a formar-se em direito em Fleidelberg e Göttingen (Tétaz, 2016, p.1886). Por volta de 1893, foi nomeado professor de economia política em Friburgo em Brisgóvia, publicando entre 1904-1905, sua obra magna, “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (Tétaz, 2016, p.1886). Esta obra tem sido usada amplamente nos cursos de sociologia nos vários níveis escolares.

² Publicado pelas editoras Cultura Cristã, Editora Fiel, Unesp e outras.

O livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” tem sido lido, relido e ensinado em escolas e universidades. Nesse texto, Max Weber faz uma análise social das implicações da reforma protestante. A tese de Weber foi e continuará sendo fator importantíssimo nos estudos sociais. É comum nas leituras relacionadas ao calvinismo, vincular riquezas e sucesso como evidências da predestinação dos eleitos. É interessante observar que Weber cita várias fontes, mas nem sempre recorre aos textos de Calvino.

[...] não estamos estudando os pontos de vista pessoais de Calvino, mas sim o calvinismo, e isto na forma para a qual ele evoluiu em fins do século XVI e no século XVII, nas grandes áreas onde teve uma influência decisiva, e que foram, ao mesmo tempo, representantes da cultura capitalista (Weber, 2010, p.129).

Essa observação de Weber (que nem sempre tem sido levada em consideração) é de suma importância para identificar o que ele entende por “calvinismo”. É sabido que o calvinismo se desdobrou em várias correntes: “A fé calvinista, através de uma pluralidade de teologias e de sistemas eclesiásticos, conheceu um grande sucesso em todo mundo” (McComish, 2016, p.250). Há o calvinismo do próprio Calvino, do calvinismo de Beza, sucessor de Calvino em Genebra, e do calvinismo holandês e escocês do século XVIII (Heron, 2014). O calvinismo não é um bloco monolítico.

2. A PERSPECTIVA DO CALVINISMO SOBRE VOCAÇÃO, TRABALHO E RIQUEZAS

O reformador destacou o valor do trabalho como fonte das riquezas, desde de que angariados por meios lícitos. É resultado da vocação de cada um: “Deus manda cada um de nós ter presente, em todas as ações da vida, sua vocação [...], Ele determinou a cada um seus deveres, segundo os diferentes modos de vida [...], tua vida será ordenada da melhor forma enquanto estiver direcionada para esse objetivo” (Calvino, 2009, p.190-191). Nesse sentido, “um verdadeiro cristão não deverá atribuir nenhuma prosperidade à sua própria diligência, trabalho ou boa sorte [...] Deus é quem prospera e abençoa” (Calvino, 2000, p. 47).

Em outro texto, o reformador observa que, “[...] se seguirmos nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente importante aos olhos de Deus” (Calvino, 2000, p.77). É a “glória de Deus deve resplandecer sempre e nitidamente em todos os dons com os quais porventura Deus se agrada em abençoar-nos [...], podemos considerar-nos ricos e felizes nele, e em nenhuma outra fonte” (Calvino, 1999, p.356).

O sentido da economia e do trabalho, a ideia de que o mundo criado por Deus estava pronto para ser descoberto e desenvolvido, contribuíram sem dúvida para criar uma “ética do trabalho” que abriu o caminho à revolução industrial. Contudo, essa ética foi pouco a pouco secularizada. Quanto mais complexa se tornou a economia global, mais diminuiu a influência das igrejas, mesmo se intervêm às vezes nesse domínio. (Higginson, 2014, p.596)

Como observado na introdução, o calvinismo se desdobra em diversas correntes. Portanto, é importante destacar, “nem todas as ramificações protestantes parecem ter tido a mesma poderosa influência [...], Na Alemanha, parece ter sido das mais fortes, e a fé reformada parece ter promovido o desenvolvimento do

espírito do capitalismo” (Weber, 2001, p.16). Ao analisar socialmente a diferença do catolicismo com o protestantismo, Weber escreve que

[...] os protestantes (especialmente certos ramos desse movimento que serão detalhadamente discutidos adiante), independentemente de figurarem como classe dominante ou dominada, como maioria ou minoria, apresentaram uma tendência especial ao desenvolvimento de um racionalismo econômico que não pode ser observado nos mesmos termos entre os católicos, nem em alguma das situações descritas anteriormente nem na sua situação oposta. (Weber, 2016, p.35).

O que diz então a teologia de João Calvino em relação ao conceito de riquezas? Assim como São Paulo, o reformador entende que “Aqueles que se aferram à aquisição de dinheiro, e que usam a piedade para granjearem lucros, tornam-se culpados de sacrilégio” (Calvino, 1998, p.168). O reformador adverte que “todos quantos têm como seu ambicioso alvo a aquisição de riquezas, entregam-se ao cativeiro do diabo” (1998, p. 169). De modo que é uma tremenda cilada fazer da busca pelos bens materiais o objetivo ou alvo da vida.

Ao analisar a tese de Weber, Tétaz (2016, p.1887) diz que “o protestantismo, especificamente em suas formas calvinistas e puritanas, estimularia uma postura de um ascetismo intramundano, ou seja, da recusa, motivada religiosamente, de gozar dos bens deste mundo. Parece ser um equívoco tal análise. Leith (1996, p.130) argumenta que “nem Calvino nem os puritanos eram ascetas tentando fugir do mundo mau. Era ascetas ou disciplinados, naquilo que acreditavam ser o uso econômico de um mundo bom. Numa vida disciplinada havia e há lugar para diversão [...]”. O calvinismo e não se opõe ao lazer. É fruto do trabalho abençoado por Deus.

3. O CONCEITO DE POBREZA E AÇÃO SOCIAL EM CALVINO

Iniciamos dialogando com algumas afirmações de Weber sobre o caráter do protestantismo calvinista de seu tempo. Weber (1999, p.397), afirma que “o dogma fundamental do calvinismo estrito - a doutrina da predestinação - exclui, por princípio, que a igreja dos calvinistas seja dispensadora de bens. Nessa afirmação, é possível que Weber tenha cometido “o erro de identificar esse protestantismo com o calvinismo das origens” (Biéler, 2009, p.57). Por isso, é importante destacar que Weber está lidando com algum tipo de calvinismo específico e não com o movimento protestante como um todo.

[...] entre os calvinistas, abrange também explicitamente o lucro legítimo obtido com empreendimentos capitalistas. Este lucro e os meios racionais para sua obtenção receberam então, no desenvolvimento consequente do calvinismo - que não é idêntico à atitude do próprio Calvino -, um caráter cada vez mais positivo (Weber, 1999, p.398).

Nos parágrafos a seguir procuramos apresentar visão de Calvino e dos puritanos, sobre pobreza e ação social. O reformador buscava o contentamento com aquilo possuía: “[...] confesso, deusas, não sou pobre; pois não desejo nada mais além daquilo que posuo (Calvino, 1999, p. 146. Thea Van Halsema, produziu uma biografia sobre a vida e obra de Calvino. Nela, há um capítulo expondo a situação social do próprio reformador, quando pastor na cidade de Strasbourg:

Era desesperadamente pobre. Como em Genebra, o conselho de representantes de Strasbourg concordara em pagar salário a Calvino, esquecendo-se, a seguir, de assim fazer. Quando, finalmente, seis meses após, o conselho lembrou-se de fazê-lo, foi na base de um florim por semana, que não era suficiente para se manter [...] (Halsema, 2009, pp. 93-94).

Algum tempo após seu casamento, já em Genebra, sua esposa o ajudava, haja visto que, na maior parte do tempo, o reformador vivia ocupado com os afazeres eclesiásticos: “Idelette plantava verduras no quintal atrás da casa. Ela conseguia manter a casa razoavelmente, bem como o salário que Genebra dava ao seu marido. Calvino recebia quinhentos florins por ano [...]” (Halsema, 2009, p. 122). As coisas nem sempre foram fáceis para ele, principalmente agora como homem casado e pai de família.

Para Calvino havia, entretanto, uma diferença entre “pobreza” e “miséria”. Em relação à pobreza, ele observa que “o pobre deveria aprender a ser paciente sob as provações para não se encontrar atormentado com uma excessiva paixão pelas riquezas” (Calvino, 2000, p. 74). As necessidades poderiam, nesse sentido, servir para o amadurecimento como caminho para o exercício da paciência. Encaradas desse modo, não seriam de todo uma experiência ruim.

O reformador nutria um zelo especial para com os necessitados, principalmente os da comunidade da fé. Em suas palavras, ao “[...] fazer o bem a nossos irmãos e mostrar-nos humanitários, [...] não há outra maneira de dispensar devidamente o que Deus pôs em nossa mão, que se ater à regra da caridade” (Calvino, 1967, p. 532).

A preocupação de Calvino não se restringia apenas àqueles que faziam parte da comunidade de fé. Ele demonstrava que esse cuidado deveria ser inclusivo, aberto a todos, crentes e ímpios: “Nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda a raça humana [...] (Calvino, 1997, p. 160). Assim como a graça comum de Deus, ou seja, a chuva, o sol, é derramada sobre toda a raça humana, de igual o modo o amor caridoso com o necessitado deve ser dispensado a todas as pessoas.

Esse amor para com todos, no entendimento do reformado, não deve ser apenas uma obrigação, deve antes vir do coração:

Ao praticar uma caridade, os cristãos deveriam ter mais do que um rosto sorridente, uma expressão amável, uma linguagem educada. Em primeiro lugar, deveriam se colocar no lugar daquela pessoa que necessita de ajuda, e simpatizarem-se com ela como se fossem eles mesmos que estivessem sofrendo. Seu dever é mostrar uma verdadeira humanidade e misericórdia, oferecendo sua ajuda com espontaneidade e rapidez como se fosse para si mesmos. A piedade que surge do coração fará com que se desvaneça a arrogância e o orgulho, e nos prevenirá de termos uma atitude de reprovação ou desdém para com o pobre e o necessitado (Calvino, 2000, p. 39).

Tanto Calvino quando os puritanos, enfatizavam a caridade como expressão de amor, muitas vezes sacrificial: “Todos quantos desejam engajar-se nos deveres do amor, devem sentir-se preparados para uma vida de muito sacrifício [...] Nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda a raça humana” (Calvino, 1997, p. 160). Os calvinistas puritanos vinculavam as riquezas com a ação social: “as riquezas são consistentes com a santidade, e quanto mais um homem tem, mais condição tem de fazer o bem com isso” (Willard apud Foster, 1971, p.111).

É na comunidade do povo de Deus que se encontra espaço e socorro para todos. A igreja é a igreja de todos, principalmente do pobre, dizia o puritano Richard Baxter (1962, p.62-63): “Ninguém é excluído da igreja por carência de dinheiro, nem é a pobreza ofensiva para Cristo. Um coração vazio pode barrá-los, mas uma bolsa vazia não pode. Seu reino de graça sempre foi mais consistente com a desprezada pobreza”.

Devemos usar de tal modo os bens que temos, que o uso é posse deles devem tender à glória de Deus, e à salvação de nossas almas [...] Nossas riquezas devem ser empregadas em usos necessários. Vem primeiro, a manutenção de nosso bom estado e condição. Em segundo lugar, o bem dos outros, especialmente daqueles que são de nossa família e parentesco [...]. Em terceiro, a assistência aos pobres [...]. Em quarto, a manutenção da igreja de Deus, e a verdadeira religião [...]. Em quinto lugar, a manutenção da comunidade (Baxter apud Ryken, 1992, p.81).

Essa expressão calvinista puritana exerceu forte influência na esfera social. Conforme escreve Ryken (1992, p.188), “Os Puritanos também encorajavam a ação pública contra certas formas de injustiça social. Eles eram [...] capazes de agir contra preços exorbitantes. Às vezes os Puritanos usavam o púlpito para influenciar os preços”. A exploração social e a situação da pobreza crescente, oportunizou o surgimento da forte ação social no seio do puritanismo. Rayken (1992, p.188) salienta que “Não foram poucas as vezes que os puritanos criticaram os pressores, usando termos como “apertar, e espremer, e moer os pobres”.

4. EVIDÊNCIAS DA PREDESTINAÇÃO NA TEOLOGIA DE CALVINO

Calvino não foi o criador do conceito teológico da predestinação. Ele herdou de Agostinho de Hipona, especialmente da obra *Da predestinação dos Santos*.³ De modo que toda discussão em torno de predestinação e eleição não era novidade em seus dias. A predestinação é o “decreto eterno de Deus pelo qual determinou o que quer fazer de cada um dos homens. Porque Ele não os cria com a mesma condição, mas antes ordena uns para a vida eterna, e a outros, para a condenação perpetua (Calvino, 2009, p. 380). A fonte da predestinação para a vida eterna é a graça imerecida, enquanto a condenação eterna ocorre por causa do pecado pessoal de cada um:

Resta agora tratar dos que ousam imputar a Deus seus vícios, uma vez que dissemos que os homens sejam naturalmente viciosos. Erroneamente buscam a obra de Deus em sua imundície, quando deveriam procurá-la naquela natureza íntegra e incorrupta de Adão. Da carne, portanto, vem nossa culpa; nossa perdição não vem de Deus, visto que não perecemos por outra razão senão porque degeneramos de nossa primeira condição (Calvino, 2009a, p.236).

Não é o propósito deste artigo entrar nos detalhes teológicos da questão da predestinação do salvo ou reprovação do ímpio. O objetivo deste texto, principalmente neste ponto, visa entender a ligação da predestinação com as riquezas ou bens materiais, haja vista que na concepção do calvinismo apresentado por Weber as riquezas seriam uma das evidências da predestinação. Será isso de fato? No geral, quando Weber (2010, pp. 55-56) trata da predestinação, não apresenta muitos os textos do próprio Calvino. Como observado na introdução,

³ Disponível na obra “A graça II”, publicado pela Ed. Paulus.

entre Calvino e Weber se passaram alguns séculos, ocorreu a revolução Francesa e a revolução industrial e surge um outro calvinismo: o calvinismo do movimento puritano.

É nesse calvinismo tardio que Weber vê uma conexão entre riquezas como evidência da predestinação: “E já que o êxito do trabalho é o sintoma mais seguro do agrado de Deus, o lucro capitalista é um dos mais importantes fundamentos do conhecimento de que a bênção de Deus descansou sobre a empresa (Weber, 1999, p.399). Weber prossegue em sua análise:

[...] entre os calvinistas, abrange também explicitamente o lucro legítimo obtido com empreendimentos capitalistas. Este lucro e os meios racionais para sua obtenção receberam então, no desenvolvimento consequente do calvinismo - que não é idêntico à atitude do próprio Calvino -, um caráter cada vez mais positivo (Weber, 1999, p.398).

Tendo colocado as devidas distinções entre os vários ramos do calvinismo, podemos prosseguir. Se as riquezas eram de fato evidências da predestinação, então o próprio Calvino não se encaixava no modelo. Ele não era um homem de posses como relata uma biografia do reformador: “Nem a mesa à qual comemos, nem a cama onde dormimos nos pertence. Donde vem, portanto, tais boatos? Meus conhecidos sabem muito bem que não possuo um metro de terra [...]” (Calvino apud Halsema, 2009, p. 143). Ele viveu sem pompas e longe das honrarias, sendo desse modo reprovado caso realmente houvesse ensinado tal pensamento.

Weber apresenta de início o pensamento do próprio reformador, mais especificamente relacionado a questão das riquezas como suposta prova da predestinação:

[...] Ele rejeita, em princípio, a suposição de que alguém possa deduzir pela conduta dos outros se estes são escolhidos ou condenados. Isto é uma tentativa injustificável de forçar os segredos de Deus. Nesta vida, o eleito não difere exteriormente de modo algum dos condenados, e este pode ter [...] as experiências subjetivas dos escolhidos [...]. (Weber, 2010, pp. 60-61)

Nota-se que o próprio Weber explica que Calvino não enxergava nas riquezas tal prova da predestinação. E até mesmo no calvinismo dos puritanos ingleses, contemporâneos de Weber, há uma rejeição da ideia de que as riquezas sejam evidências da predestinação. Conforme Samuel Willard, um clérigo puritano da Nova Inglaterra, “As riquezas não são evidências do amor de Deus, assim também a pobreza não é de sua raiva ou ódio” (Willard apud Foster, 1971, p.128). O mesmo autor enfatiza que riqueza e pobreza são “coisas [que] em si mesmas não tornam o homem melhor ou pior e são igualmente improváveis para a salvação eterna” (Willard apud Foster, 1971, p.128).

Essas distinções entre as várias correntes do calvinismo são importantes na compreensão do que de fato Weber assinala sobre calvinismo, riquezas e predestinação. É um assunto pertinente, haja vista que alguns livros didáticos continuam argumentando que em Calvino as riquezas evidenciam a predestinação. Há, portanto, a necessidade do esclarecimento, no sentido de que essa concepção não procede do calvinismo de Calvino, mas que é fruto de desenvolvimentos teológicos posteriores, em outro contexto socioeconômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho investigou-se questões como predestinação, riqueza, pobreza e cuidado em Calvino, fazendo uma conexão com a obra de Max Weber. A análise de Weber se mostrou acertada dentro do seu raio de investigação, ou seja, a realidade do calvinismo de seu tempo. As implicações sociais no desenvolvimento do protestantismo, sob a análise de Weber, apontam um desenvolvimento no pensamento das gerações posteriores à reforma. Especialmente sobre a relação “protestantismo e desenvolvimento social”, é importante destacar que “o estudo de Weber não buscou provar mais uma vez a existência desses laços, mas, sim, questionar-se acerca de sua exata natureza” (Tétaz, 2016, p.1887).

Cabe destacar que nem Lutero nem Calvino foram defensores de um movimento capitalista nos moldes econômicas atuais. Tétaz (2016, p.1887) destaca que “essa associação entre protestantismo e capitalismo, portanto, é indireta, da ordem de uma “afinidade eletiva”. Essa é a razão para o fato de que algumas afirmações de Weber, como observado no texto do artigo, não correspondem a realidade do próprio calvinismo de Calvino nem com o calvinismo dos puritanos. André Biéler (2009, p.58), argumenta que

Se Max Weber tivesse estudado o calvinismo do século XVI, e não o do século XVIII, teria chegado a outras conclusões. Teria notado, certamente que esse calvinismo das origens [...] procurava prevenir-se contra os desvios da natureza humana mediante freios que o evitavam descambar para os excessos de uma sociedade sujeita ao primado do lucro e à regra soberana de sucesso individual.

Nesse sentido, a análise de Weber sobre riqueza encaixa-se melhor no calvinismo posterior, de seus dias, como ele mesmo admite (2010, pp. 60-61), e não no calvinismo de Calvino, o reformador de Genebra. Considerando que o livro “O protestantismo e o espírito do capitalismo”, de Max Weber, é leitura obrigatória nos currículos de muitas escolas e cursos superiores - e que nem sempre é feita uma distinção sobre qual calvinismo trata Weber - este trabalho mostrou-se importante por apresentar tal diferenciação. Assim como foi de extrema importância a atuação teológica de Calvino, a tese de Weber foi e continuará sendo fator importantíssimo nos estudos sociais; para que seja profícua, carece de uma melhor contextualização e interpretação por parte daqueles que a utilizam como fonte bibliográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAXTER apud RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**. São José dos Campos, SP: Ed. Fiel, 1992.

BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BIÉLER, André. **O Humanismo social de Calvino**. São Paulo: Pendão Real, 2009.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006b.

- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã: tomo 1**. São Paulo: Unesp, 2009a.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã: tomo 2**. São Paulo: Unesp, 2009b.
- CALVINO, João. **Institución de la religión cristiana**. Rijswijk (Países Bajos): Felire, 1967.
- CALVINO, João. **O livro dos Salmos, volume 1**. São Paulo: Paracletos, 1999.
- CALVINO, João. **O livro dos Salmos, volume 2**. São Paulo: Paracletos, 1999.
- CALVINO, João. **Exposição das pastorais**. São Paulo: Paracletos, 1998.
- CALVINO, João. **A verdadeira vida cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000.
- CALVINO, João. **Exposição de Hebreus**. São Paulo: Paracletos, 1997.
- CALVINO, João. **Epístolas gerais**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.
- COSTA, Hermisten. **Pensadores Cristãos: Calvino de A a Z**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- HALSEMA, Thea B. Van. **João Calvino era assim: a vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma**. São Paulo: Os Puritanos, 2009.
- HERON, Alasdir. **Calvinismo, Calvino**. LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola : Paulinas, 2014, p.330-337.
- HIGGINSON, Richard. **Moral econômica**. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola : Paulinas, 2014, p.594-597.
- LEITH, John. **A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã**. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- MCCOMISH, William. **Calvinismo**. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.330-337.
- RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**. São José dos Campos, SP: Ed. Fiel, 1992.
- TÉTAZ, Jean-Marc. **Max Weber**. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.1886-1889.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- WEBER, Max. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- WILLARD, Samuel apud FOSTER, Stephen. **Their Solitary Way: The Puritan Social Ethic in the First Century of Settlement in New England**. New Haven, Yale University Press, 1971.